

A HECATOMBE DA SOCIEDADE: papéis sociais e representativos na obra *O Quase fim do mundo*, de Pepetela

Elisa Andrade Costa¹

João Pedro de Oliveira Coutinho²

Larissa Fonseca Rosa dos Santos³

Resumo

O vigente artigo buscou expor a obra de Pepetela, *O Quase Fim do Mundo*, sob uma perspectiva intrínseca ao gênero distópico, em que se analisou o meio social, a sociedade, como fator contribuinte de atenuar e abrandar certos comportamentos humanos que, a luz de sua ausência, se acentuam. Essa coerção, em seu contexto puro para a narrativa, se esvai assim que o personagem Simba Ukolo se encontra sozinho em sua cidade natal, dentre atitudes ditas como duvidosas perante sua nova realidade, analisa-se como os papéis se elaboram e se ajustam ao pequeno grupo que se forma – desbravando, além, sua essência ambígua, questionável e corrompida. Portanto, a notória decadência das ações e perspectivas, não só atribuídas ao protagonista, mas da pequena sociedade que se forma em Calpe contribui satisfatoriamente para o estudo referente a hecatombe da sociedade tal qual sua decadência sem um agente regulador.

Palavras-Chaves: Comportamento Humano. Desintegração Moral. Narrativas Pós-Apocalípticas. Regulação Social

Abstract

This article analyzes Pepetela's *O Quase Fim do Mundo* from a perspective intrinsic to the dystopian genre, examining society as a central factor in restraining and moderating certain human behaviors which, in its absence, become intensified. Within the narrative context, such social coercion dissolves when the character Simba Ukolo finds himself alone in his hometown. Faced with a radically altered reality, his actions — often perceived as morally ambiguous — reveal how social roles are reconstructed and reshaped within the small group that is gradually formed. This process exposes the group's inherent ambiguity, moral instability, and latent corruption. Consequently, the progressive decline of actions and perspectives, attributed not only to the protagonist but also to the emerging society in Calpe, provides a consistent basis for the analysis of social collapse and moral decay in the absence of a regulatory social structure.

Keywords: Human Behavior. Moral Disintegration. Post-Apocalyptic Narratives. Social Regulation.

¹ Mestre em Letras Vernáculas na área de Literatura Brasileira (UFRJ), docente do UGB-FERP.

² Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

³ Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

1 Introdução

O presente artigo propõe uma análise crítica dos papéis sociais que emergem e se reorganizam após o colapso da sociedade, tomando como objeto de estudo a obra *O Quase Fim do Mundo*, do escritor angolano Pepetela. Autor de ampla relevância no cenário da literatura africana de língua portuguesa, construiu uma trajetória literária profundamente marcada pelo engajamento político, pela reflexão sobre os processos históricos de Angola e pela problematização das estruturas sociais herdadas do colonialismo e reelaboradas no período pós-independência. Sua produção ficcional articula literatura, história e crítica social, fazendo da narrativa um espaço privilegiado de questionamento das formas de poder, das desigualdades e das contradições humanas.

Inserido nesse contexto, *O Quase Fim do Mundo* apresenta-se como uma obra singular dentro da bibliografia do autor ao explorar o gênero distópico como estratégia narrativa e crítica. Ao projetar um cenário de aniquilação quase total da humanidade, Pepetela desloca sua reflexão para um plano extremo, no qual as estruturas sociais, políticas e morais são radicalmente suspensas. Tal escolha permite ao autor investigar, de maneira contundente, o comportamento humano diante da ausência de normas reguladoras e de instituições que tradicionalmente organizam a vida em sociedade. Por conseguinte, a distopia funciona como um dispositivo de crítica social, conforme aponta Hilário (2013)

O Romance Distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso sejam inibidos. (p. 202)

A partir dessa perspectiva, compreende-se a distopia como um importante divisor crítico no campo literário, capaz de dissecar os preceitos da mente humana por meio de uma análise radical da realidade social. Este estudo, então, busca investigar o comportamento humano e suas formas de organização a partir de um ponto de vista distópico, examinando de que modo a ausência de estruturas reguladoras evidencia a fragilidade moral, ética e social dos indivíduos. Tal abordagem permite compreender

como esse recurso literário se mostra fundamental para a leitura crítica da sociedade contemporânea, de seus conflitos e de suas consequências.

Dialogando com a concepção de Antonio Candido (2011), especialmente em *Literatura e Sociedade*, parte-se do entendimento de que o valor da obra literária não se limita ao seu aspecto estético, mas reside também em sua capacidade de expressar, problematizar e interpretar a sociedade que a produz. Dessa forma, identificam-se, na narrativa de Pepetela, os elementos constitutivos do gênero distópico que possibilitam uma análise imanente dos aspectos sociais ali representados, com destaque para a perspectiva da hecatombe - o extermínio quase absoluto da humanidade - como marca central do gênero. Tal destruição é apresentada como possível consequência direta de ações humanas contemporâneas, como crises climáticas, genocídios, guerras e conflitos ideológicos, políticos e religiosos.

No romance, a extinção inicial de seres humanos e animais ocorre sem explicação imediata, o que intensifica o estranhamento e a atmosfera distópica; apenas posteriormente revela-se que tal extermínio foi provocado por um grupo ideológico de cunho racista e supremacista religioso, conforme se observa no excerto: “Do que sei das suas origens, provém de movimentos da Grã-Bretanha e da França, os quais se propunham a purificar a Europa dos lixos árabes, judeus, ciganos e africanos que cada vez mais contaminam as populações brancas” (PEPETELA, 2008, p. 312 - 313).

Configurando-se como uma distopia clássica e, ao mesmo tempo, visionária, a obra articula uma crítica contundente às estruturas sociais e aos valores humanos, explorando não apenas o colapso da civilização, mas também os efeitos psíquicos e morais desse cenário extremo. Nesse contexto, o artigo analisa o papel coercitivo e regulador da sociedade à luz das contribuições teóricas de Durkheim e Hobbes, bem como examina os elementos literários da narrativa que permitem compreender a formação de uma nova ordem social precária. Destaca-se, ainda, a figura de Simba Ukolo como signo representativo da decadência humana, a partir da qual se problematizam as condutas morais distorcidas que emergem na ausência de normas sociais consolidadas.

2 A Desintegração dos Papéis Sociais e o Colapso da Ordem Coletiva

Na obra de Pepetela, observa-se uma subversão profunda do que convencionalmente se compreende como sociedade, especialmente no que diz respeito aos seus mecanismos de organização, coerção e regulação. Sob essa perspectiva, é possível articular a leitura do romance às concepções sociológicas de Émile Durkheim, para quem a sociedade atua como uma instância coercitiva, responsável por moldar comportamentos, normas e regras que orientam a conduta dos indivíduos nela inseridos. Assim, a sociedade pode ser compreendida como um agente regulador das ações individuais, constituído não apenas pela multiplicidade de sujeitos, mas sobretudo pelas interações estabelecidas entre eles, as quais produzem padrões relativamente previsíveis de comportamento.

Essa previsibilidade decorre, em grande medida, da tendência humana de reproduzir práticas e condutas socialmente reconhecidas, especialmente quando inserida em contextos novos ou inusitados. O indivíduo, ao buscar pertencimento e aceitação, ajusta-se às normas vigentes, reafirmando o papel da sociedade como mantenedora da ordem social. Tal concepção encontra respaldo na teoria durkheimiana dos fatos sociais, entendidos como anteriores e exteriores ao indivíduo, dotados de força imperativa e coercitiva, conforme explicita o próprio Durkheim ao afirmar que tais formas de conduta se impõem aos sujeitos independentemente de sua vontade:

“Esses tipos de conduta não são apenas exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõe a ele, quer ele queira, quer não. [...] Se tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim para impedir meu ato, se estiver em tempo, ou para anulá-lo e restabelece-lo em sua forma normal, se tiver sido efetuado e for reparável, ou para fazer com que eu o expie, se não puder ser reparado de outro modo.” (Durkheim, 2007, p. 2-3)

Ao articular essa perspectiva à concepção hobbesiana apresentada em *O Leviatã*, segundo a qual o homem abdica de sua liberdade individual em favor da vida em sociedade, compreende-se o caráter formativo e estruturante da ordem social

sobre a moral e a ética dos indivíduos. Hobbes descreve um Estado de Natureza anterior à sociedade civil, marcado pela ausência de leis e pela impossibilidade de distinção entre justiça e injustiça, o que reforça a ideia de que tais noções só existem a partir de um poder regulador comum.

Munidos desse entendimento ampliado de sociedade, torna-se possível analisar como sua aniquilação, no contexto da narrativa de *O Quase Fim do Mundo*, representa um profundo abalo estrutural, uma verdadeira hecatombe social. Trata-se, em outros termos, de um assassinato simbólico da própria ideia de sociedade, que abre espaço para a emergência de indivíduos dissociados das normas coletivas, figurados de maneira exemplar na obra de Pepetela. Ainda que, ao longo da narrativa, surjam outros sobreviventes, o que se observa não é a recomposição imediata de uma sociedade propriamente dita, mas a formação precária de uma comunidade marcada pela instabilidade, cujos aspectos iniciais são fundamentais para a análise proposta.

No que se refere aos papéis sociais atribuídos às personagens, estes se encontram, num primeiro momento, completamente desintegrados, acompanhando o colapso da vida social no início do romance. O próprio protagonista, Simba Ukolo, evidencia essa ruptura:

“Minha querida, para que vai roubar? Tem uma cidade inteira à disposição dele, as casas abertas e recheadas. Por que irá roubar-me a mim, que o libertei e tenho uma casa relativamente modesta, se pode roubar... roubar nem é o termo correto, se pode apoderar-se do que quiser e do melhor em qualquer lado? Já reparaste? Há profissões que a partir de agora desapareceram. O pescador deixa de ser pescador, pois não tem mais peixe para pescar.”(Pepetela, 2008, p. 62)

Tal lógica estende-se a outras ocupações: o médico, o pescador, o aviador ou a pesquisadora de gorilas veem-se privados de suas funções, uma vez que os pressupostos sociais que sustentavam suas atividades deixaram de existir. Nesse contexto, as personagens passam a experimentar uma espécie de invalidez social, na medida em que a utilidade de suas ocupações, antes associada ao prestígio cultural e à ascensão social, torna-se obsoleta. O próprio Simba Ukolo é confrontado por sua esposa, Íris, em trechos memorialísticos que revelam a crítica à valorização

excessiva de sua profissão como médico, associada a um status privilegiado e a uma postura pretensiosa:

“Mas eu era médico, estudara na Europa, já tinha até andado por outros sítios [...] De repente, ouvi a voz da minha mulher, a Íris, me chamando de pretensioso, como em muitas ocasiões. Lá por teres um curso superior num país de fraca escolaridade já te crês uma estrela, és mesmo pedante, irremediavelmente pedante.” (Pepetela, 2008, p. 24)

Ao mesmo tempo, o escritor promove uma inversão significativa desses papéis sociais por meio da personagem Geny, que, para além de sua caracterização como fanática religiosa, assume centralidade no grupo a partir de suas habilidades domésticas, tornando-se a cozinheira oficial da comunidade. Dessa maneira, uma função tradicionalmente marginalizada adquire relevância fundamental em um contexto de sobrevivência, evidenciando como a distopia permite problematizar desigualdades sociais e questionar hierarquias profissionais. Além disso, o romance discute de forma incisiva os papéis reguladores e coercitivos da sociedade como freios das ações humanas, sejam elas associadas à violência, ao roubo ou a transgressões de ordem moral, como a negação do luto ou as relações marcadas pela lascívia. Tais comportamentos tornam-se recorrentes sobretudo no início da narrativa, quando, diante da ausência de agentes reguladores, as personagens passam a se armar, saquear bancos abandonados e estabelecer relações interpessoais marcadas pela instabilidade ética, como se observa nas interações entre Simba e Geny ou entre Simba e Jude.

Dessa maneira, Pepetela materializa literariamente a concepção durkheimiana de que o indivíduo é contido pela sociedade, mesmo contra sua vontade. Privados de seus antigos papéis e referências, os sobreviventes buscam ressignificar suas funções dentro de uma nova ordem social precária: Simba assume a posição de líder e investigador da hecatombe; Geny consolida-se como responsável pela alimentação do grupo; Kiboro destaca-se por seus conhecimentos mecânicos. Tais tentativas de reorganização evidenciam a permanência implícita do papel coercitivo da sociedade, ainda que em formas rudimentares.

Por fim, a presença da teoria hobbesiana revela-se de modo contundente nos momentos iniciais da narrativa, não apenas ao evidenciar a função regulatória da

sociedade, mas também ao expor o retorno a um estado próximo ao Estado de Natureza. Conforme Hobbes (1974),

“As noções de bem e de mal, de justiça e injustiça, não podem aí ter lugar. Onde não há poder comum, não há lei, e onde não há lei não há injustiça [...] A justiça e a injustiça [...] São qualidades que pertencem aos homens em sociedade, não em solidão”(p. 47)

Essa lógica manifesta-se nas atitudes iniciais das personagens, seja nos roubos sucessivos praticados por Simba Ukolo, seja na decisão de se armar diante de um mundo desprovido de proteção institucional:

“Pensei, se os policiais desapareceram, quem me defende se for atacado? [...] Escolhi uma kalashnikov, quatro carregadores, e uma pistola makarov com uma caixa de munições.”(Pepetela, 2008, p. 14)

Logo, o romance explicita que as noções de bem e mal são construções sociais e que, na ausência da sociedade, o ser humano se vê reduzido a um estado primitivo, no qual a violência e a autopreservação tendem a prevalecer.

3. O Simbolismo da decadência humana: uma análise de Simba Ukolo como signo

No último momento deste artigo, propõe-se observar de que modo Pepetela constrói, a partir da distopia, uma leitura crítica da sociedade e de seus valores, projetando nos personagens as tensões sociais que emergem em um contexto de colapso civilizacional. Nessa perspectiva, a distopia é mobilizada não apenas como recurso narrativo, mas como instrumento de crítica à sociedade vigente, permitindo evidenciar facetas da condição humana que se manifestam de forma mais aguda em cenários extremos. Dessa maneira, este tópico dedica-se a uma abordagem de caráter mais formal da obra, atentando para os elementos semânticos, simbólicos e narrativos a fim de compreender uma das dimensões centrais da escrita de Pepetela: sua constante problematização das formas sociais e da moral humana. Para tanto,

recorre-se a procedimentos próprios do campo dos estudos literários, que constituem o eixo teórico-metodológico deste trabalho.

Iniciamos pelo viés semântico, voltado aos significados mobilizados pela narrativa, com destaque para a escolha dos nomes das personagens e seus valores simbólicos. Paralelamente, desenvolve-se uma análise formal, considerando o uso de marcas linguísticas, a organização textual, a alternância de focos narrativos e as características do romance em prosa, com o objetivo de compreender a construção do protagonista Simba Ukolo como um signo representativo de uma decadência moral observável na própria condição humana.

Nessa linha, a distopia funciona como elemento estruturante da obra, como uma espécie de eixo vertebral que orienta tanto o desenvolvimento da narrativa quanto a formulação das críticas sociais. Ao operar como aquilo que Hilário (2013) denomina “aviso de incêndio”, a distopia ultrapassa a função de alerta e se consolida como instrumento reflexivo, convidando o leitor a reavaliar concepções, valores e práticas sociais contemporâneas. É justamente esse potencial crítico que orienta esta seção, em diálogo direto com as reflexões desenvolvidas anteriormente sobre sociedade, coerção e regulação moral.

Diante disso, toma-se Simba Ukolo como objeto central de análise. Antes da hecatombe que conduz ao quase fim da humanidade, o personagem exercia a função de médico, aspecto que, embora relevante, não constitui aqui o foco principal. O que se privilegia, nesta leitura, é o valor simbólico de seu nome: Simba, que, no idioma suaíli, significa “leão”. Tradicionalmente associado à força, à liderança e à iniciativa, o leão carrega um conjunto de atributos que, no imaginário coletivo, remetem à figura do líder. Pepetela, no entanto, mobiliza esse signo de maneira irônica, valendo-se de um recurso recorrente em sua escrita para tensionar expectativas e subverter sentidos. Ao nomear seu protagonista como “leão”, o autor constrói um contraste deliberado entre o símbolo da liderança e a conduta efetiva do personagem, sugerindo que um líder decadente tende a produzir, ou refletir, uma sociedade igualmente decadente.

Inicialmente, Simba Ukolo apresenta-se como condutor da narrativa, sobretudo nos capítulos iniciais, narrados sob a perspectiva de um narrador autodiegético. Contudo, essa centralidade revela-se gradualmente ilusória. Ao longo da obra,

Pepetela alterna diferentes modos de narração - autodiegético, homodiegético e heterodiegético -, constituindo a narrativa polifônica por meio das diversas personagens. Esse procedimento formal, longe de ser aleatório, sinaliza uma progressiva perda de protagonismo de Simba, cuja presença narrativa se dilui à medida que outras vozes ganham espaço. Então, aquele que, a princípio, parecia ocupar uma posição de liderança simbólica passa a ceder terreno, enfraquecendo-se como figura central e como guia moral do grupo.

Essa perda de centralidade torna-se ainda mais evidente após a introdução da personagem Ísis, cujo nome, associado ao significado de “dona do trono”, já antecipa sua relevância simbólica. A chegada de Ísis à cidade de Calpe provoca uma mudança significativa na postura de Simba Ukolo, conforme se observa no entusiasmo exacerbado com que ele a recebe:

"No dia seguinte apareceu Ísis e o mundo mudou para Simba Ukolo. É verdade, o mundo mudou quando a vi sair do jipe, correr para mim, tocar para ver se eu era real, pois o toque dela tinha um perfume correspondente a sua figura [...] No entanto, não foi ela que ficou presa a mim, fui eu, me deixei arrastar para o vórtice da sua presença [...] Ísis entrou na minha vida como uma avalanche de neve no Kilimanjaro, um turbilhão de areia no saara...(Pepetela, 2008, p. 122)

Embora se possa interpretar tal reação como alegria diante do encontro com mais uma sobrevivente, a narrativa revela que o encantamento do protagonista está profundamente ligado ao fato de Ísis corresponder a um ideal feminino que ele considera “à sua altura”. Essa leitura é reforçada pelo modo como Simba se refere às demais mulheres do grupo, frequentemente desqualificadas por critérios de idade, aparência ou raça, o que evidencia o caráter preconceituoso do personagem.

À medida que a relação entre Simba e Ísis se desenvolve, observa-se um progressivo deslocamento do protagonista de sua função inicial como líder. Episódios posteriores, como a tentativa de convencer Dippenaar a apoiar Ísis em uma viagem desnecessária: “Este tinha de apoiar Ísis, era o momento.” (PEPETELA, 2008, p. 278) evidenciam que suas decisões passam a ser guiadas por interesses pessoais, e não mais por uma preocupação coletiva. Dessa forma, a degradação simbólica de Simba

Ukolo consolida-se tanto no plano narrativo — pela redução de sua voz — quanto no plano ético, pela fragilidade de suas escolhas.

Sob essa ótica, Simba Ukolo pode ser interpretado como um signo da degradação da liderança humana, figura recorrente nas distopias e particularmente pertinente à crítica social contemporânea. O autor angolano projeta, por meio desse personagem, uma reflexão sobre a subversão do papel dos líderes, frequentemente desviados de suas responsabilidades em favor de interesses individuais. A crítica se estende à moral do protagonista, especialmente no que se refere à sua visão utilitária da sociedade e, de modo mais contundente, das mulheres.

Essa perspectiva manifesta-se desde os primeiros contatos de Simba com outros sobreviventes, quando ele expressa reiteradamente o desejo de que haja mulheres entre eles, reduzindo sua existência à função reprodutiva: "Podia ser que além do homem a correr atrás do cão, outros sobreviversem. Sobretudo mulheres, sobretudo elas." (PEPETELA, 2008, p. 25). A insistência nessa ideia culmina em afirmações que reforçam uma concepção instrumentalizada do feminino, como quando o personagem compara as mulheres a "coelhas", atribuindo-lhes exclusivamente o papel de perpetuadoras da espécie: "Essa é uma questão que não tem largado a cabeça ultimamente. - Disse Simba. - Se forem confirmadas as piores suspeitas e só restarmos a nós no mundo, as mulheres vão ter de ser mesmo umas coelhas. Senão a humanidade acaba." (PEPETELA, 2008, p. 210). Tal postura revela não apenas um utilitarismo extremo, mas também uma deterioração ética incompatível com a formação e a responsabilidade social atribuídas à sua profissão de médico.

Esse mesmo viés se evidencia na forma como Simba constrói suas relações afetivas e sexuais ao longo da narrativa. A apresentação gradual das personagens femininas - Geny, descrita de maneira depreciativa, e Jude, uma adolescente - expõe o deslocamento moral do protagonista, que passa a cogitar e concretizar relações com uma personagem em condição de vulnerabilidade. À medida que Ísis se torna inacessível, Jude assume, para Simba, o papel de substituta, o que reforça a lógica utilitarista que orienta suas escolhas e evidencia o ápice de sua decadência moral.

A consolidação desses elementos permite compreender Simba Ukolo como um signo representativo da liderança decadente no contexto pós-hecatômico: um sujeito

marcado pelo egocentrismo, pela instrumentalização do outro e pela corrosão ética. Assim, a distopia, ao projetar tais comportamentos em um futuro extremo, reafirma sua função crítica ao evidenciar problemas profundamente enraizados na sociedade contemporânea. Por fim, Simba Ukolo não representa apenas uma personagem isolada, mas espelha uma condição humana mais ampla, na qual o valor do indivíduo é frequentemente reduzido à sua utilidade, em detrimento de sua dignidade enquanto sujeito social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este artigo analisou o papel coercitivo e regulatório da sociedade e a forma como os indivíduos, quando inseridos em uma ordem social estruturada, tendem a ajustar suas condutas a fim de evitar sanções legais ou simbólicas, orientando suas ações a partir daquilo que é socialmente permitido ou interdito. Ao transpor essa reflexão para o universo distópico de *O Quase Fim do Mundo*, foi possível observar como a ausência de um agente regulador desencadeia a desorganização das normas coletivas e permite que determinadas facetas humanas aflorem de maneira mais intensa na pequena comunidade formada em Calpe, sobretudo diante da liberdade radical imposta pelo colapso da civilização.

Nesse cenário, a obra de Pepetela evidencia, com precisão crítica, a decadência moral que atravessa os sujeitos quando privados das estruturas sociais que orientam a vida em comunidade. O protagonista Simba Ukolo, que simbolicamente poderia ocupar o lugar de liderança, revela-se incapaz de conduzir o grupo de forma ética e responsável, perdendo-se em uma lógica egocêntrica e utilitarista. Suas relações interpessoais, especialmente com as personagens femininas, expõem uma visão instrumentalizada do outro, reduzido a função reprodutiva ou à satisfação de desejos individuais. Essa construção não apenas denuncia a fragilidade da liderança exercida pelo personagem, mas também humaniza os sujeitos da narrativa ao permitir que assumam comportamentos contraditórios, moralmente questionáveis e profundamente ambíguos.

Logo, Pepetela amplia o potencial crítico da distopia ao apresentar personagens que não são meramente arquétipos do bem ou do mal, mas sujeitos

atravessados por falhas éticas que emergem com maior intensidade na ausência de normas reguladoras. Essa estratégia narrativa abre espaço para uma leitura plural, na qual o leitor contemporâneo é convocado a refletir sobre as próprias estruturas sociais que organizam a vida coletiva e sobre os riscos inerentes à sua dissolução.

Por fim, conclui-se que a decadência moral humana se encontra intrinsecamente vinculada ao meio regulatório no qual se expressa, sendo a supressão desse fator inibidor suficiente para revelar comportamentos marcados pela corrupção ética e pelo egocentrismo. Ainda que a destruição da humanidade, no romance, não seja inicialmente provocada pelo grupo liderado por Simba Ukolo, ela se mostra profundamente relacionada a uma lógica humana que se perpetua na exploração do outro e na incapacidade de sustentar uma convivência ética - mesmo diante da oportunidade de reconstrução social.

5. REFERÊNCIAS

PEPETELA. **O quase fim do mundo**. 1. reimpr. São Paulo: Kapulana, 2019.

HILARIO, Leomir Cardoso, **Teoria Crítica e Literária: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. In: Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013. ISSN 2175-7917.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.